

A FÉ QUE OS ARMOU PRIMEIRO: A MISSA DE DESPEDIDA DOS COMBATENTES DA FEB DE SÃO JOÃO DEL-REI (1944) COMO RITO DE PASSAGEM

Ana Amélia Gimenez Dias*

Resumo: Este artigo analisa a missa de despedida realizada em 14 de fevereiro de 1944, em São João del-Rei, como um rito de passagem vivido por centenas de jovens convocados para a Força Expedicionária Brasileira (FEB) durante a Segunda Guerra Mundial. A partir de fontes primárias como sermões, relatos de veteranos e registros da imprensa, o estudo mostra como a cerimônia extrapolou seu caráter religioso tradicional para assumir uma função simbólica central: marcar publicamente a transição de civis a combatentes. Inspirado em autores como Van Gennep, Victor Turner e Pierre Bourdieu, o texto argumenta que a missa não apenas abençoou os soldados, mas os consagrou como parte de uma missão moral e espiritual. Ao unir fé, emoção coletiva e um forte senso de dever, o ritual ofereceu um sentido simbólico à partida, funcionando como preparação emocional e moral para a guerra. A fé, nesse contexto, foi o primeiro escudo daqueles que partiam.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial; Rito de Passagem; Força Expedicionária Brasileira; Religiosidade; São João del-Rei.

Abstract: This article examines the farewell mass held on February 14, 1944, in São João del-Rei as a rite of passage experienced by hundreds of young men drafted into the Brazilian Expeditionary Force (FEB) during World War II. Drawing on primary sources such as sermons, veterans' testimonies, and contemporary press reports, the study demonstrates how the ceremony transcended its traditional religious character to assume a central symbolic function: publicly marking the transition from civilian to combatant. Inspired by authors like Van Gennep, Victor Turner, and Pierre Bourdieu, the text argues that the mass not only blessed the soldiers but also consecrated them as part of a shared moral and spiritual mission. By combining faith, collective emotion, and a strong sense of duty, the ritual provided a symbolic meaning to departure, serving as both emotional and moral preparation for war. In this context, faith became the first shield for those who departed.

Keywords: World War II; Rite of Passage; Brazilian Expeditionary Force; Religiosity; São João del-Rei.

INTRODUÇÃO

Criada pela bula *Candor Lucis Aeternae*, promulgada pelo Papa Bento XIV em 1745, a Arquidiocese de Mariana constitui a mais antiga sede episcopal do interior do Brasil (Rocha, 2019). Desde então, ao longo de quase três séculos de história, a arquidiocese consolidou-se como guardião de um extenso e complexo legado: não apenas o patrimônio material, como igrejas, imagens, arte sacra e acervos documentais, mas também o imaterial, tecido por devoções, liturgias, práticas comunitárias e memórias intergeracionais. Esse acervo vivo não foi construído apenas pelos ministros ordenados,

* Doutoranda em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora. É mestre em história pela mesma instituição. E-mail para contato: anaameliagimenezdias@gmail.com

mas também pelas mãos e vozes do povo fiel, cuja presença deu concretude à fé cristã no cotidiano das vilas, povoados e cidades mineiras. É dessa interação contínua entre clero e povo que brotaram os sinais visíveis de uma religiosidade que resiste ao tempo. Dos altares ornamentados para as solenidades eucarísticas às procissões que serpenteiam pelas ruas de pedra, dos sinos que pontuam o ritmo das cidades históricas às devoções discretas de uma fé doméstica, tudo revela o esforço mútuo entre o sacerdote que eleva a oração e a assembleia que participa do mistério da fé.

É nesse cenário que se insere a presente investigação, cujo foco recai sobre uma única celebração eucarística. Entre as incontáveis missas realizadas no território do bispado, essa se distingue sobretudo pelos efeitos simbólicos que produziu. Singular em sua densidade histórica, ela convida à pergunta: o que pode dizer uma única missa à altura dos quase trezentos anos de existência desta arquidiocese? A resposta, longe de ser imediata, é o que este texto busca trazer à luz.

A celebração em questão ocorreu em 14 de fevereiro de 1944, na cidade de São João del-Rei — então ainda sob jurisdição da Arquidiocese de Mariana, vínculo que perduraria até 21 de maio de 1960, quando a paróquia foi elevada à condição de sede diocesana pelo Papa João XXIII (Zarur, 2011). Tratava-se de uma segunda-feira aparentemente ordinária, na semana que antecede o carnaval, quando a cidade foi tomada por uma solenidade rara: pouco mais de trezentos jovens, oriundos da própria São João del-Rei e de distritos vizinhos, reuniram-se para sua despedida oficial antes de partirem rumo ao treinamento militar no Rio de Janeiro, etapa preparatória para integrarem a Força Expedicionária Brasileira (FEB) no *front* italiano da Segunda Guerra Mundial.

A missa celebrada aos pés da Virgem das Mercês, naquele instante liminar, transcendeu os limites de um simples ato litúrgico. Ela operou como um verdadeiro rito de passagem, nos termos clássicos da antropologia: um ritual que marca a transição de indivíduos de uma condição social para outra, sancionando sua travessia perante a comunidade. Naquele altar, jovens civis se despediam não apenas de seus entes queridos, mas da estabilidade de uma vida ordinária, projetando-se rumo a um futuro incerto e perigoso. Sob o amparo da fé, assumiram, ainda que simbolicamente, o *ethos* combatente que os esperava além-mar.

Essa celebração não pode ser compreendida isoladamente. Ela se insere no tecido da religiosidade mineira, que não se resume à solidez de suas catedrais, nem ao esplendor de seus arquivos ou museus sacros. Ela também pulsa nas orações silenciosas, nas ladainhas sussurradas, nas práticas que resistem ao tempo e no silêncio de tantos fiéis que, geração após geração, traduziram sua fé em gestos cotidianos.

A missa de 1944, nesse sentido, é uma entre essas histórias — mas é também um momento em que a fé se encontrou com a dor da partida e com a incerteza do futuro, ecoando, portanto, novos sentidos. A análise dessa cerimônia permite, portanto, reconhecer como essa celebração funcionou, naquele contexto, como mecanismo de estruturação simbólica da passagem entre dois mundos: de um lado, a rotina civil, marcada pela estabilidade das formas de vida no interior mineiro; de outro, a descontinuidade imposta pela guerra e pela mobilização militar. A análise desta missa evidencia, portanto, como o rito religioso foi mobilizado para dar sentido a uma travessia histórica e subjetiva, inserindo o drama da guerra na gramática simbólica da fé.

A LITURGIA DOS ANÔNIMOS

“Você sabe de onde eu venho?” — assim inicia a Canção do Expedicionário, entoada pelos integrantes da FEB que, entre 1944 e 1945, combateram nos campos da Itália contra as tropas nazistas. A imagem do expedicionário, daquele que atravessou o Atlântico, desembarcou em Nápoles e, enfrentou batalhas árduas, conheceu vitórias e provou o amargor da derrota, não responde de forma satisfatória à pergunta que inaugura o hino.

É no contexto anterior a qualquer combate que se pode entrever uma possível resposta à indagação lançada pela canção. Naquele 14 de fevereiro, Monsenhor José Maria Fernandes dirigia suas palavras não a combatentes consagrados, cujos peitos reluziam com medalhas por seus feitos, mas a jovens anônimos, muitos deles oriundos de pequenos distritos e localidades vinculadas ao bispado de Mariana. Reunidos no adro do templo dedicado à Nossa Senhora das Mercês, rodeados por familiares, autoridades civis e pela comunidade local, os convocados escutavam a homilia de despedida com a consciência de que estavam diante de uma ruptura definitiva com a vida cotidiana. Para melhor compreender os significados inscritos nesse ritual, faz-se necessário situá-lo, ainda que brevemente, no contexto mais amplo da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial.

TEMPESTADE À VISTA: O BRASIL EM GUERRA

Nos primeiros anos da Segunda Guerra Mundial, o Brasil de Getúlio Vargas oscilava entre alinhamentos, tentando equilibrar-se entre os interesses do Eixo e dos Estados Unidos numa diplomacia que Gerson Moura denominou “equidistância pragmática”¹ (Moura, 1993). No entanto, o cenário alterou-se drasticamente a partir de 1942, quando navios mercantes brasileiros passaram a ser torpedeados por submarinos alemães no Atlântico Sul, como forma de retaliação pelo rompimento das relações brasileiras com o Eixo (McCann, 2015). Estes ataques geraram forte comoção popular em várias cidades ao redor do país, incluindo São João del-Rei, onde comerciantes fecharam suas portas em protesto e um grande comício percorreu as ruas centrais (Davin, 2017).

A declaração de guerra ao Eixo, em 31 de agosto daquele ano, não foi apenas uma resposta simbólica: foi também uma aposta geopolítica. Como observa Virgínia Carvalho (2009), a criação da FEB representava não só uma necessidade militar, mas um gesto diplomático — o desejo do Brasil de se posicionar como aliado relevante no redesenho do mundo pós-guerra. Nesse contexto, São João del-Rei, sede do 11º Regimento de Infantaria, tornou-se um polo de recrutamento da FEB (Ferraz, 2005).

Dada a dispersão do Exército em dezenas de guarnições, a FEB enfrentou dificuldades logísticas no treinamento inicial. Só em março de 1944 as tropas foram efetivamente concentradas no Rio de Janeiro para seu treinamento, pouco antes de sua partida para a Europa. Foi justamente às vésperas da concentração das tropas no Rio de Janeiro que se realizou, em São João del-Rei, a missa de despedida dos futuros expedicionários. Naquele momento, um detalhe crucial permanece pouco lembrado, mas é revelador: os soldados que ali se reuniam não tinham ainda a garantia de contar com assistência espiritual durante a campanha. O Corpo Eclesiástico do Exército fora extinto desde a Proclamação da República, e a recriação oficial do serviço de capelania só viria meses depois, por decreto-lei de 26 de maio de 1944. Os jovens que se reuniram aos pés da Virgem das Mercês,

¹ Para uma análise detida desse processo, ver: HILTON, Stanley. *O Brasil e a estratégia dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial: 1939–1945*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981; e MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

naquela manhã de fevereiro, ainda não sabiam se teriam um serviço de assistência religiosa ao lado deles no *front*².

O SENTIDO DO RITO: GUERRA, LITURGIA E PASSAGEM

A celebração eucarística do dia 14 de fevereiro de 1944 foi relatada por Gentil Palhares, em sua obra *De São João Del Rei ao Vale do Pó*. O autor inicia sua descrição da celebração, situando-a no contexto da cidade, por ele denominada de Roma Mineira. Em suas palavras:

É que a família sanjoanense, que daria à expedição quase trezentos filhos incorporados ao 11º R. I., chorava e suplicava. Pais, esposas, noivos, irmãos, cada um exprimia a dor que lhe ia na alma e mesmo aqueles que não tinham parentes nas forças armadas, se mostravam comovidos e choravam (Palhares, 1957, p. 69).

Segundo Palhares, essa dor levou os sanjoanenses, devotos e fervorosos, a buscar consolo aos pés da Virgem. A imponente imagem de Nossa Senhora das Mercês foi então posicionada à porta da igreja que lhe é dedicada, e, sob os umbrais centenários, com os braços abertos, tornou-se o centro das atenções durante a missa campal realizada na Praça Francisco Neves, presidida por Monsenhor José Maria Fernandes. Na imagem 1, é possível observar a imagem na porta, enquanto os futuros combatentes brasileiros da Segunda Guerra Mundial, já uniformizados, ocuparam a escadaria, o que pode ser melhor visualizado na imagem 2.

² DIAS, Ana Amélia Gimenez. *O sagrado no profano: manifestações religiosas e formação de identidade da FEB durante a Segunda Guerra Mundial*. Um estudo das trajetórias de Frei Orlando (1913-1945) e Monsenhor Francisco Eloi (1915-2003). Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2024.



Figura 1 - A missa de despedida do 11 R.I, em São João Del Rei, 1944
Fonte: “A Antiga São João Dei Rei” (online)³



Imagem 2 - Os integrantes da FEB de pé, durante a celebração
Fonte: “A Antiga São João Dei Rei” (online)⁴

Ademais, Gentil Palhares (1957) recupera a oração proferida na missa sobre os combatentes, cuja transcrição integral foi também publicada no jornal *O Diário do*

³ Postagem de, Beatriz Marun no grupo de Facebook intitulado A Antiga São João Dei Rei: “Bênção dos combatentes que seguiam para a IIGM.” em 13 de novembro de 2020. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/antigasjdr/permalink/3398312810244617/?mibextid=Nif5oz&paipv=0&eav=AfZtTYJunMd7T9MdC8SjK3D0GMCMJ6mVQmm631yb6kLztHa5dmIbKVsxlyei2JVcgxs&_rdr. Acesso em abril de 2025

⁴ Postagem de, Beatriz Marun no grupo de Facebook intitulado A Antiga São João Dei Rei: “Bênção dos combatentes que seguiam para a IIGM.” em 13 de novembro de 2020. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/antigasjdr/permalink/3398312810244617/?mibextid=Nif5oz&paipv=0&eav=AfZtTYJunMd7T9MdC8SjK3D0GMCMJ6mVQmm631yb6kLztHa5dmIbKVsxlyei2JVcgxs&_rdr. Acesso em abril de 2025

Comércio três dias depois, em 17 de fevereiro.⁵ No esforço de capturar a densidade simbólica da cerimônia, Palhares (1957, p. 69) afirma que, naquele momento, São João del-Rei se transformava em uma “Roma mineira”, alçada a esse estatuto não por edifícios monumentais, mas pelo rito civil-religioso que unia fé, comunidade e sacrifício iminente.

A celebração eucarística, além de seu caráter litúrgico e comunitário, deve ser compreendida como um ritual de transição identitária. Entre as múltiplas camadas de sentido ali presentes, interessa destacar aqui a dimensão devocional do gesto: a missa não apenas os enviava à guerra, mas os preparava espiritualmente para enfrentá-la. Embora os registros da Força Expedicionária Brasileira não contenham informações sistemáticas sobre a filiação religiosa de seus integrantes, os dados demográficos do Censo de 1940 oferecem elementos importantes para contextualizar o contexto religioso da época. Segundo esse levantamento, 95,01% da população brasileira se declarava católica, 2,61% protestante e 0,13% judaica. Os praticantes de religiões afro-brasileiras e de matriz africana não foram contabilizados de modo autônomo, sendo provavelmente alocados na categoria genérica “outros cultos”, como sugere Adriane Piovezan (2014), em razão das limitações e vieses do aparato classificatório da época.

Piovezan contribui para avançar essa análise ao examinar os registros dos mortos da FEB. Segundo a autora, os formulários do Pelotão de Sepultamento permitiram que ao menos parte da religiosidade dos combatentes fosse documentada. O resultado, segundo seus levantamentos, revela uma adesão maciça ao catolicismo: 97,95% dos soldados mortos em campanha, cujos credos foram registrados, professavam essa fé. As confissões evangélicas e protestantes, somadas, representaram menos de 1%. Tal convergência numérica entre os dados dos mortos da FEB e o perfil religioso do país no início da década de 1940 constitui, como observa Piovezan, uma rara e significativa correspondência entre o contingente militar e o conjunto da população brasileira.

Esse pano de fundo estatístico contribui para reforçar a hipótese central deste estudo: a missa de 14 de fevereiro de 1944 não pode ser compreendida apenas como um evento litúrgico ou um marco cívico. Ela foi também um ato de fé coletiva, partilhado por uma comunidade amplamente católica e culturalmente imersa em práticas devocionais. Nesse sentido, a cerimônia operou como um espaço ritual em que se articulavam devoção e

⁵ Diário do Comércio, 17 de fevereiro de 1944, nº 1798, p.1.

despedida, crença e mobilização, sacralidade e sofrimento — inscrevendo os combatentes, ainda antes do embarque, em uma narrativa moral e espiritual que buscava dar sentido ao risco da morte e ao sacrifício da guerra⁶.

Esses dados permitem lançar um olhar mais preciso sobre os jovens que lotaram a escadaria da Igreja das Mercês naquela manhã. É nesse horizonte de fé amplamente partilhada que se compreendem com maior clareza as palavras dirigidas por Monsenhor José Maria Fernandes aos jovens que ali se despediam:

Para São João, senhores militares do 11º R.I., vós sois uma célula do seu organismo, sois um membro de sua comunidade, sois uma parcela de sua economia, sois um pedaço do seu todo, sois movimento de suas praças, sois parte de suas famílias, sois sangue de seu coração, sois carne de seu corpo, sois afeto de sua alma (Palhares, 1957, p. 71).

Com essas palavras, mais do que abençoar a partida, o sacerdote inscrevia publicamente os combatentes em um processo ritual de reconfiguração simbólica. Como aponta Van Gennep (2012), todo rito de passagem se inicia com uma fase de separação – momento em que os sujeitos são destacados de sua condição anterior. Nesta cerimônia em questão, esse momento se expressa não apenas no afastamento físico dos soldados de suas famílias e comunidades, mas na reformulação pública de sua identidade. O sacerdote não os vê mais apenas como filhos, irmãos ou trabalhadores: eles agora são membros consagrados de um corpo cívico-religioso em deslocamento, peças vivas de um organismo comunitário que se projeta, por meio deles, sobre o campo de batalha. “E é por isso que São João vos afirma e jura sua solidariedade e simpatia [...] com a união das preces nesta Santa Missa, enfim com a saudade da separação, proclamada publicamente nesta parada cívico-religiosa” (Palhares, 1957, p. 71-2), proclama o sacerdote. Aqui se entrelaçam os registros cívico e litúrgico, compondo o que Victor Turner (1969) chamou de liminaridade ritual: uma zona ambígua em que as categorias ordinárias de pertencimento são suspensas, e os sujeitos transitam entre um status anterior e outro que ainda não lhes pertence plenamente. Os soldados, ainda em solo natal, ainda civis em seus documentos, já são, aos olhos da comunidade, combatentes — ainda não como função técnica, mas como posição moral. São, por isso, “proclamados” como herdeiros legítimos da tradição sanjoanense de fé e bravura.

⁶ A esse respeito, recomenda-se a leitura de: PIOVEZAN, Adriane. *Morrer na guerra: instituições, ritos e devoções do Brasil (1944-1967)*. 2014. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

Essa proclamação, no entanto, não se restringe ao enunciado religioso. Como apontou Pierre Bourdieu (2008), todo rito de instituição opera simultaneamente no plano simbólico e no plano social. Ele “faz ver e faz crer”, isto é, institui uma diferença que passa a existir justamente porque é reconhecida e legitimada pelo rito. A missa — e, nela, o sermão — não apenas celebra a partida: produz a identidade do combatente como legítima, atribuindo-lhe uma nova essência que reorganiza o lugar que ocupa no mundo. Trata-se de um processo de consagração social, no qual se afirma, de forma performativa, aquilo que ainda não se realizou plenamente no campo militar, mas já se efetivou no campo simbólico.

“São João del-Rei compreende, porque a religião lho ensinou, que a guerra é um terrível flagelo, inevitável, mas muitas vezes regenerador [...]. A guerra desenvolve o espírito de sacrifício nestes homens que, vestindo a farda, passam marchando ao som das fanfarras, bandeiras flamando ao vento, prontos a morrer por uma ideia [...]. Sacrifício do corpo [...], sacrifício da família [...], até da própria vida” (Palhares, 1957, p. 71, 73).

O sermão não hesita em delinear o que os espera. O soldado não parte apenas como instrumento do Estado, mas como agente de uma missão moral e espiritual. O sofrimento é antecipado — e, em certa medida, aceito — porque é apresentado como necessário, como regenerador, como meio pelo qual a fé e a pátria se afirmam.

Não se trata, portanto, de mero consolo diante da partida. A missa de 1944 é um ritual de transição completo: nela se rompe com o mundo anterior, se prepara para o novo estado e se antecipa a reintegração futura. A própria promessa do retorno é enunciada: o povo que ora hoje será o mesmo que, ao final, entoará o *Te Deum* da vitória. O rito fecha-se sobre si mesmo, como uma ferramenta simbólica de reintegração futura, reforçando os laços entre combatente e comunidade, mesmo na ausência:

Ide com Deus e a Virgem Maria, Militares do 11º R.I. Na retaguarda ficam almas, corações e lábios a rezar por vós. E cá vos espera brevemente este mesmo povo, que hoje vos despede, para receber-vos com os máximos transportes de alegria e com as mais fervorosas expansões de um agradecido *Te Deum* (Palhares, 1957, p. 77).

O caráter ritual da missa de despedida dos combatentes do 11º Regimento de Infantaria pode ser mais bem compreendido quando contrastado com as práticas modernas de formação militar, como as descritas por Jan Ångström (2016) ao estudar o treinamento dos Army Rangers suecos. Nos primeiros dias de conscrição, aqueles jovens recrutas, ainda recém-saídos da vida civil, eram ensinados a vestir-se, marchar, comer em silêncio e pintar seus rostos. Cada gesto era acompanhado de uma justificativa prática — para

camuflagem, resistência, reconhecimento em combate —, mas, como observa o autor, seu verdadeiro efeito era outro: “sem saber [...] estavam engajados em um ritual ancestral para se tornarem algo que ainda não eram: soldados”⁷ (Ångström, 2016, p. 144). Ainda que racionalizados, tais atos integravam um processo simbólico de travessia: de civis, tornavam-se guerreiros.

Na São João del-Rei de 1944, não havia doutrinadores militares a ensinar táticas de guerra. O que havia era um sacerdote, uma igreja, um altar. E, diante dele, uma comunidade reunida para assistir à partida dos seus. Mas ali, como nos quartéis escandinavos, também se ensinava — ainda que por outros meios — a atravessar uma fronteira. A missa, inserida na tradição litúrgica católica e profundamente enraizada na religiosidade do território mineiro, não apenas acompanhava a despedida: ela produzia simbolicamente a transição de seus participantes. Se nos rituais dos *Army Rangers* os gestos aprendidos constituíam um “vocabulário corporal” para a guerra, na missa mineira o discurso litúrgico desempenhava a mesma função: dotar a travessia de um código simbólico, autorizar um novo modo de ser e agir, e criar um escudo moral capaz de sustentar a experiência da violência e do medo. A eficácia do rito não estava, portanto, apenas na solenidade da cerimônia, mas naquilo que ela tornava possível: atravessar, sem ruptura interior total, o abismo entre a paz e a guerra, entre a normalidade civil e o domínio militar. Como escreve Ångström, os rituais militares modernos procuram, mesmo sem nomear explicitamente, assegurar ao soldado que ele pode suportar a transição sem perder-se. Em São João del-Rei, essa tarefa coube à Igreja — e ela a cumpriu à sua maneira. Ao abençoar os que partiam, ao colocá-los sob a proteção da Virgem das Mercês, ao fazer deles herdeiros simbólicos de um passado de luta e fé, a missa de 1944 funcionou como aquilo que foi, de fato: um rito de passagem cujos efeitos ainda ressoam na memória comunitária que não deixou de recordar — em fotografias, relatos e orações — aquela manhã em que civis foram enviados à guerra, e a fé os armou primeiro.

⁷ Tradução nossa, originalmente: “Unknowingly [...], they were engaged in an age-old ritual to become something they yet were not: soldiers.”

CONCLUSÃO

Eles estavam lá — enfileirados, inquietos, olhares fixos ou vagos, camisas bem passadas, botas ainda limpas, mãos suadas, talvez cruzadas atrás das costas. Eram rapazes de vinte e poucos anos, muitos ainda com o cheiro da infância, convocados a deixar tudo o que conheciam para trás: o lar, a rotina, os pequenos trabalhos, os almoços em família, as noivas com promessas de casamento. Estavam todos ali, aos pés do templo, diante da imagem de Nossa Senhora das Mercês, como quem se despede de algo sem saber se retornará — e de que forma, caso retorne.

A missa celebrada naquela manhã de fevereiro de 1944, sob a sombra da torre da igreja e o silêncio comovido da cidade, não foi apenas um gesto protocolar, tampouco apenas uma manifestação de fé. Foi, como aqui se tentou demonstrar, um rito de passagem, em que aqueles jovens foram separados de suas existências ordinárias, suspensos num tempo entre mundos, e consagrados publicamente como novos sujeitos — combatentes, soldados, representantes da pátria e da fé.

As palavras do sacerdote não apenas emocionaram. Elas instituíram uma nova identidade. Ali, sobre o altar, não se abençoava apenas uma viagem; fundava-se um *ethos*. Como em todo rito liminar, aqueles jovens ainda não pertenciam ao que seriam, mas já haviam deixado de ser quem eram. Era um momento de ambiguidade, de silêncio espesso, de temor contido. E como não teriam medo? Como não estremecer diante da possibilidade da morte, diante da missão de matar, diante do salto no escuro?

Mas havia algo naquela missa que oferecia àqueles corpos tensos uma forma de atravessar a fronteira. A fé, que desde sempre permeou aquela cidade, serviu ali como primeira armadura. Não era visível, não pesava nos ombros, não feria. Mas oferecia ao soldado um sentido. Como nos rituais militares modernos descritos por Jan Ångström, em que recrutas aprendem a pintar o rosto, a rugir, a desfazer-se do que eram para tornarem-se outra coisa — ali, naquela celebração, o rito operava a mesma alquimia: a lenta metamorfose do civil em guerreiro.

E se, no início deste ensaio, perguntou-se o que pode dizer uma única missa à altura dos quase trezentos anos de história da Arquidiocese de Mariana, talvez agora se possa arriscar uma resposta. Ela diz — e disse — tudo. Diz sobre a capacidade da fé de

acompanhar a dor, de consagrar partidas, de lidar com o indizível. Diz sobre a Igreja como lugar de acolhimento e também de envio, de bênção e de separação. Diz sobre a força que ritos simples podem ter. Diz, por fim, que há missas que, mesmo entre milhares, resistem ao tempo porque souberam marcar um antes e um depois. Porque foram, naquele momento irrepetível, mais do que um sacramento, foram um limiar entre a paz e a guerra, entre o menino e o combatente, entre o que se é e o que se está prestes a ser. Talvez por isso, tantas décadas depois, ainda se olhe para aquela fotografia — soldados perfilados diante da igreja, o povo em volta, a cidade em silêncio. Porque naquele instante, antes da farda, da arma ou do navio, foram os olhos da cidade, e não o uniforme, que os tornaram combatentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÅNGSTRÖM, Jan. Transformation into nature: Swedish army ranger rites of passage. In: WILSON, David; MANSFIELD, Laurence (orgs.). **Transforming Warriors**. Abingdon: Routledge, 2016. p. 144–162.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: Edusp, 2008.

CARVALHO, Mercês G. Virgínia. **Ex-combatentes do Brasil entre a História e a Memória (1945-2009)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

DAVIN, Thiago Henrique Carvalho. **O “front interno” são-joanense durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945)**. Monografia (Graduação em História) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de São João del-Rei, 2017.

DIAS, Ana Amélia Gimenez. **O sagrado no profano: manifestações religiosas e formação de identidade da FEB durante a Segunda Guerra Mundial**. Um estudo das trajetórias de Frei Orlando (1913-1945) e Monsenhor Francisco Eloi (1915-2003). Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2024.

FERRAZ, Francisco César Alves. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

HILTON, Stanley. **O Brasil e a estratégia dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial: 1939–1945**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.

MCCANN, Frank D. **The Brazilian-American Alliance, 1937–1945**. Princeton: Princeton University Press, 2015.

MOURA, Gerson. **Autonomia na dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

MOURA, Gerson. **Neutralidade dependente: o caso do Brasil, 1939-44**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, 1993.

PALHARES, Gentil. **De São João del-Rei ao Vale do Pó**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1957.

PIOVEZAN, Adriane. **Morrer na guerra: instituições, ritos e devoções do Brasil (1944–1967)**. 2014. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

ROCHA, Dom Geraldo Lyrio. Breve história da Arquidiocese de Mariana. In: **Inconfidentia: Revista Eletrônica de Filosofia**, Mariana-MG, v. 3, n. 6, p. 5, jul./dez. 2019.

TURNER, Victor. **The ritual process: structure and anti-structure**. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1969.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 2012.

ZARUR, Elizabeth Netto Calil. **Officium Tenebræ: a fé através da luz e da escuridão**. São João del-Rei: UFSJ, 2011.